

Dívida externa

Na mesa redonda

14 JUN 1984

De Bernardo Grinspan, ministro argentino da economia em pane:

"Os países devedores deixaram-se aprisionar pela chantagem es- critural da dívida externa, perden- do de vista a administração da economia interna. O desastre aconteceu entre 1979 e 1981, na perva- sa combinação de juros em dobro com termos de troca pela metade. Não foi por coincidência que 37 países endividados declararam-se inadimplentes em 1983. O erro polí- tico está na demora da denúncia do estado de deterioração do intercâmbio de capital e de comércio, a dano dos devedores. O que vamos tentar em Cartagena, na próxima semana, deveria ter sido feito em outubro de 1982, após o fiasco da assembléa anual do FMI, em Toronto. Estamos, pois, com 18 meses de atraso. E 18 meses contados em juros sobre juros..."

De François Mitterrand, pre- sidente socialista da França ca- pitalista:

"Temos de remontar a ordem econômica internacional. A reunião de cúpula de Londres, semana pas- sada, deixou de enfrentar o desafio, preferindo censurar o desvio polí- tico dos devedores no encami- nhamento técnico dos problemas da dívida. A ordem capitalista está em processo de desestabilização generalizada. E não por culpa dos devedores, não por culpa dos ban- cos credores — mas por culpa do governo americano, que teima em exportar os impactos inflacionários e recessivos do déficit governa- mental, forçando o mundo inteiro, especialmente os que devem em dólar, a financiar, a fundo perdido, os rombos de caixa da Casa Bran- ca."

De Luciano Coutinho, presiden- te do Conselho Regional de Economia de São Paulo:

"Teimar na administração ban- cária da dívida externa é assinar o pacto com o demônio. Os juros, lá fora, continuarão em alta, como determina a "lei de gravidade" do déficit público norte-americano — que não pode ser reduzido em vés- pera de eleição. Esse negócio de brigar, simplesmente, pela redução do "spread" (taxa de risco) por sobre os juros livres, não vai tirar o Brasil da posição de insolvente sem alternativa. Se queremos pagar a dívida, devemos lutar por juros fixos de 6 a 8% ao ano, no máximo. Se não queremos pagar a dívida, por exaustão física ou por implosão política, tudo bem: vamos deixar tudo como está, para ver como é que não fica..."

De Sérgio Correa da Costa, em- baixador do Brasil em Wash- ington, onde a onça bebe água:

"Com a drástica redução dos empréstimos internacionais, os países pobres passaram a trans- ferir capital para os países ricos. Ano passado, essa transferência líquida foi da ordem de US\$ 21 bilhões, tal qual uma transfusão de sangue do doente para o médico. Esse terrível contra-senso ameaça causar danos irreparáveis ao próprio sistema financeiro, agora que a questão do endividamento dos países em desenvolvimento desloca-se para um plano crescen- temente político. É urgente que al- guma solução seja encontrada, pois a mensagem que vem sendo trans-

JORNAL DE BRASÍLIA



mitida a banqueiros e congressis- tas americanos é a de que sai mais barato tratar agora da recessão do que, amanhã, da subversão." (De um artigo para a revista *Veja*).

De Fernão Bracher, vice-pre- sidente do Bradesco, o maior banco privado do bloco endividado:

"Parece que o mundo mudou e os homens que tomam decisão em nome do mundo não foram avisados. Os resultados da cúpula de Londres são melancólicos, para não dizer decepcionantes. A po- sição dos credores, a nível de banco ou a nível de governo, não recuou de um só milímetro. A postura ortodoxa revelou-se politicamente inarredável, a despeito das pres- sões intestinais que ganham corpo na faixa dos países endividados, agora com reações em bloco."

De Donald Regan, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, o ministro Galvões dos americanos:

"Well, a data-limite para que a Argentina acerte sua situação com o FMI, pelos canais competentes e pelos trâmites de praxe, acontece nesta sexta-feira, dia 15. Depois veremos o que pode e o que deve ser feito nesse caso isolado. A verdade é que a Argentina ainda não ofereceu aos bancos credores um programa econômico digno do nome, com ou sem a aprovação do FMI..."

De Olavo Setúbal, presidente do Banco Itaú e presidenciável (ou ministeriável) em disponibilidade política:

"O Brasil deve calibrar uma posição intermediária ou balan- ceada, entre a arrogância argentina e a submissão mexicana. Não podemos embarcar na ilusão de uma operação Malvinas, mas Falklands [que Malvinas, para o bom entendedor. Temos alguns trunfos verde-amarelos para a rodada de renegociação, na exata bitola dos nossos constrangimentos e das nossas conveniências. Vou além: o Brasil tem bom lastro para o chamado estudo-de-caso na ques- tão da dívida renegociável. Qual-

quer renegociação em bloco, na proposta de Cartagena, soma pelo continente, subtrai pelo Brasil. Nossa cacife é poderoso, embora mal desfrutado. Paciência. Nossa miopia é política."

De George Salem, analista de bolsa citado pelo "Wall Street Journal", de terça-feira:

"Se os nove maiores bancos dos Estados Unidos desviaissem apenas 5% de suas reservas para a cobertura das perdas nos empréstimos ao Brasil inadimplente, isso reduziria de 46% os lucros que publicaram em 1983. Um calote brasileiro traumatizaria a ordem estabelecida."

Do papa João Paulo II, endi- vido nos bancos europeus, na expiação diuturna das taxas de "labor" de Saint Paul:

"O aluguel do dinheiro, do rico para o pobre, deve proteger o valor real do capital alugado. São Matheus, o economista dos evan- gelistas, aprova isso. O juro é o preço da espera para quem poupa e empresta. Ou o custo da anteci- pação do recurso, para quem toma esse dinheiro emprestado. A taxa admite um certo ingrediente de risco, expresso em retorno adicional. Mas o que São Matheus não ad- mite é a transformação do aluguel do dinheiro em fim em si mesmo. As maiores margens de lucro dos titulares do capital estão sendo patrocinadas pelo endividamento encavalado dos povos do terceiro mundo. O problema é de física aplicada: o bom negócio só é bom negócio quando os dois lados ganham ou quando um dos lados ganha, pelo menos, alguma coisa. Quando apenas um dos lados ganha, devorando o outro, o bom negócio acaba. A comunidade ban- cária, hedonista por natureza, parece que não foi avisada. Ela al- moça hoje a galinha dos juros de ouro de amanhã. A rebelião do galinheiro já começou."

(Interpretação das entrelinhas do improviso do Papa, domingo, no Vaticano).